

Santos Narciso, Director-adjunto do Correio dos Açores

“O PS não precisa de fazer campanha, o Governo a faz por ele”

Vamos entrar em semanas decisivas a caminho das eleições regionais. O que espera das forças políticas nesta campanha anormal e, dos candidatos já conhecidos, que avaliação faz das listas?

O que eu espero é, precisamente a antítese do que está a acontecer.

Os políticos estão a falar para os políticos e não para os eleitores.

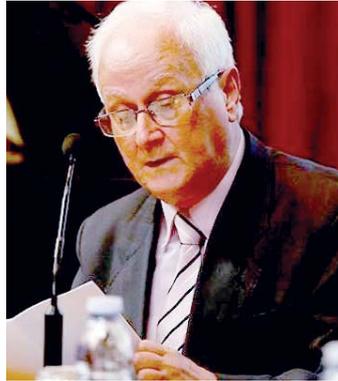
As (poucas) acções que vemos são de propaganda e não de esclarecimento.

Tirando o ruído das redes sociais, pouco ou nada se passa, a não ser o Governo Regional a multiplicar-se em primeiras-pedras, inaugurações, lançamentos de concursos, promessas e intenções, enquanto a oposição, sem meios e sem mobilização, vai falando para meia dúzia de seguidores, sem conseguir chegar a quem poderia fazer a mudança, porque os votos daqueles a quem fala, esses estão seguros.

O Partido Socialista não precisa de campanha, porque o Governo a faz por ele, e por isso mesmo foi o primeiro a anunciar que não haveria nem ajuntamentos, nem ruído. Claro que isto faz da campanha uma luta desigual, como se verá.

Quanto às listas já conhecidas nada de extraordinário ou diferente se vê.

Há algumas caras novas e a impressão que fica é que em vez de qualidades políticas e capacidade de acção, a opção tem sido por nomes que “fazem barulho” e que são, por um motivo ou



outro credores de publicidade e popularidade.

Pode ser um método de obter votos, mas não é nada bom para o futuro.

O parlamento açoriano já se tem revelado fraco e ainda vai sofrer com a saída de alguns dedicados deputados, vítimas de uma pretensa renovação que é simplesmente uma incógnita.

Espera alguma surpresa em termos de resultados eleitorais?

O cenário está traçado e não acredito em nenhuma mudança substancial.

Creio que a pulverização de votos vai crescer e vamos assistir ao primeiro teste do Chega nos Açores.

As Legislativas Regionais não podem ser antevisto das Presidenciais

de 2021, mas podem ser uma amostra para o partido de André Ventura.

De resto, o quadro não se alterará muito, mesmo com todo o desgaste que o PS-Açores tem tido nas últimas semanas com questões tão quentes como a SATA e a Saúde, onde, para além do descontentamento por falta de resposta nos hospitais e Centros de Saúde, principalmente nas cirurgias e nas especialidades, há que contar com o descontentamento dos enfermeiros e dos técnicos superiores de diagnóstico que se pode traduzir em votos, caso a oposição saiba captar esse descontentamento e comprometer-se na sua resolução.

Três anos depois dos trabalhos da CEVERA, sabe-se agora que não vão apresentar nenhum resultado em termos de proposta legislativa. Isto é mau para o sistema eleitoral e para a tão badalada reforma da Autonomia? Contribui para uma maior abstenção?

Este é um caso que envergonha a Autonomia e os açorianos.

Anos de trabalho – não sei se o termo trabalho é adequado –, anos de despesas, grandes, humilhação de saber que até foi pedido um estudo ao exterior, para sabermos que deveríamos querer para a Autonomia, e depois disto tudo “a montanha nem pariu um rato”.

E ainda por cima, em pleno tempo eleitoral surge agora a notícia de

que o Governo da República quer implementar o célebre Conselho de Concertação das Autonomias que andou arrumado até agora.

Ou seja, para ser directo, Lisboa quer tutelar a reforma da Autonomia e quer que perante as Regiões Autónomas haja a impressão que é Lisboa a “conceder” poderes aos Açores e Madeira.

Para além de isto ser mera forma desencapitada de campanha eleitoral, cá estaremos para ver os resultados, depois das eleições de Outubro.

Com uma CEVERA que não deu frutos depois de mais de dois anos de trabalho, agora acenam-nos com o dito Conselho de Concertação, para mais anos de indefinição.

Por essas e por outras, uma franja muito grande da população diz que política é para os políticos e prefere nem votar.

Se até com os números da abstenção somos enganados, porque ela não é o que dizem e ninguém tem interesse em mexer nos cadernos eleitorais, como não esperar que ela não continue a crescer? E vamos ver, com a nova modalidade do voto em mobilidade, que diferença fará.

O problema da Autonomia não se resolve com reformas, mas com capacidade de lutar pelo que foi conquistado como sonho que tem vindo a morrer.

jornal@diariodosacores.pt

13 forças políticas concorrem às eleições regionais de 25 de Outubro

Treze forças políticas concorrem às eleições regionais de 25 de Outubro nos Açores, mas nem todos apresentam listas em todas as ilhas.

PS, CDS, BE e CDU colocam os líderes nos Açores como cabeças de lista pelo círculo de compensação às eleições de Outubro, ao passo que o PSD avança com o antigo presidente Duarte Freitas como número um.

Nas eleições regionais açorianas, que este ano sucedem em 25 de Outubro, existem um círculo por cada uma das nove ilhas mais um círculo regional de compensação que reúne os votos que não foram aproveitados para a eleição de parlamentares nos círculos de ilha.

Esse círculo elege cinco dos 57 deputados ao parlamento dos Açores, tendo em 2016 sido eleitos pela compensação dois deputados do CDS e um de PS, PSD e BE.

Nas listas para o parlamento açoriano, cujo prazo de entrega terminou na segunda-feira, houve 12 forças políticas a apresentar nomes para a compensação.

O PS avança com Vasco Cordeiro,

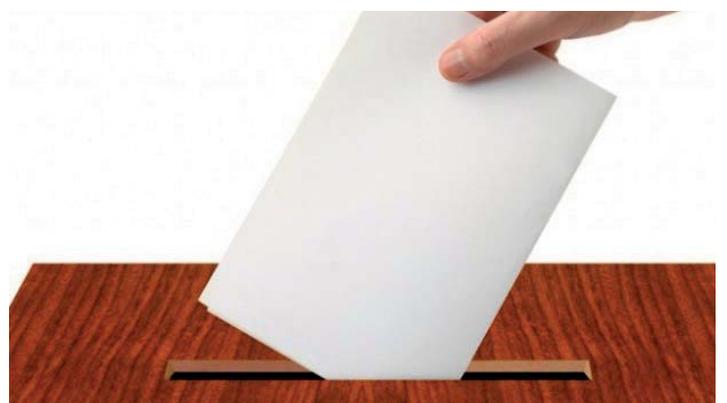
também número um por São Miguel e actual Presidente do Executivo regional, enquanto pelo PSD concorre Duarte Freitas, que liderou o partido entre Dezembro de 2013 e Outubro de 2018.

O Bloco, com António Lima, o CDS, com Artur Lima, e a CDU, com Marco Varela, avançam com os nomes dos respectivos líderes regionais também pela compensação.

Manuel São João é nome primeiro do PPM na lista da compensação, ao passo que Iniciativa Liberal (Nuno Barata), Livre (José Azevedo), PAN (Pedro Neves) e Partido da Terra (Pedro Soares Pimenta) colocam como cabeça de lista os respectivos primeiros nomes do círculo de São Miguel.

O Chega avança pelo círculo de compensação com o secretário-geral da estrutura açoriana, José Pacheco, ao passo que Paulo Silva é o nome do partido Aliança, que preside.

Em 2016, ano das anteriores regionais, o PS venceu com 46,4% dos votos, o que se traduziu em 30 mandatos no parlamento regional, con-



tra 30,89% do segundo partido mais votado, o PSD, com 19 mandatos, e 7,1% do CDS-PP (quatro mandatos).

O BE, com 3,6%, obteve dois mandatos, a coligação CDU (PCP/PEV), com 2,6%, obteve um, e o PPM, com 0,93% dos votos expressos, também um.

O PS governa a Região há 24 anos, tendo sido antecedido pelo PSD, que

liderou o Executivo regional entre 1976 e 1996.

Vasco Cordeiro, líder do PS-Açores e Presidente do Governo Regional desde as legislativas regionais de 2012, após a saída de Carlos César, que esteve 16 anos no poder, apresenta-se de novo a votos para tentar um terceiro e último mandato como chefe do Executivo.